

Director-Proprietario, Editor
Ferreira da Silva
 Redacção, administração,
 composição e impressão
 Rua de Alportel, 23 a 27
 SEMANARIO INDEPENDENTE
 NUMERO AVULSO 30 CENTAVOS

O ALGARVE

Margarina "Meza Ing'ez"

A mais antiga e a melhor das melhores mgrcas.

A' venda nas boas casas do Algarve e de todo o paiz

REFLEXÕES

O PORTO COMUM "FARO OLHÃO"

Theatro

Stichini-Santos

CARTA DE LISBOA

Malograram-se as negociações entre a Câmara Municipal de Faro e os representantes do comercio local, tendentes a concertar entre si uma plataforma conciliatória, sobre o aumento de contribuições, conforme já aqui noticiámos.

Nestas circunstancias, os comerciantes resolveram apelar para os poderes superiores, representando ao sr. Ministro das Finanças, para que este mande inquirir acerca da justiça das reclamações apresentadas, fundamentadas em razões de ordem economica e argumentos de matéria legal. Pretende o comercio demonstrar a sua impossibilidade de suportar mais encargos tributários, para os quais não reconhece a Câmara sanção legal nas expressivas declarações dos decretos invocados. De outra parte, a Câmara, rendida ao peso do desequilíbrio orçamental, não vê outro recurso que não seja o do aumento de receita, para fazer face aos crescentes e multiplices encargos da administração municipal.

Não podemos dizer, em boa verdade, que a ambas as partes não bastem razões e argumentos, e esta circunstancia milita fortemente em favor da necessidade de reconhecer-se que o mais logico e natural seria a conciliação, ainda que á custa de reciprocas transigencias, que de modo algum poderiam significar quebra de prestigio ou de autoridade, quando nobremente inspiradas nos principios de justiça.

Na representação formulada pelo comercio aludese concretamente a uma proposta já feita pela Associação Commercial, pela qual a Câmara se poderia julgar parcialmente compensada do montante desejado. Tal proposito, da parte dos contribuintes, revela um já tão elevado desejo de solucionar o assunto, que não podemos deixar de lamentar as malogradas negociações, pondo-se uma barreira entre os interesses em causa, quasi aproximados.

Não é, de facto, este o momento mais azado para pedir ao contribuinte aquilo que ele não pode dar, sem graves perturbações na sua vida economica.

Reconhece-o toda a gente que de perto, ou mesmo de longe, tenha acompanhado a marcha evolutiva de uma crise, que, no Algarve, reveste aspectos excepcionalmente graves. Reconhece-o o proprio consumidor, contra quem, mais tarde ou mais cedo, hão de cair as consequências de todos os agravos tributários, áqueles directamente exigidos.

Mas importa saber ostrihos multiformes por que as forças economicas têm passado até ao ponto de ruina que presentemente as aflixia. O que interessa é não agravar esse estado mórbido da riqueza nacional, e, pelo contrario, na

medida do possível, procurar dar-lhe remedio.

As exigências da vida colectiva tem de condicionarse ás possibilidades dessas fontes productoras e, em vez de as comprimir sob o peso de imoderadas aspirações, devem animálas ao desenvolvimento e progresso a que têm direito, para que elas, do seu proprio seio, fecundem e propaguem os meios de vida dessa colectividade. O agradável e o util, a prosperidade espirital e material dos povos, não são coisas que girem, cada uma em sua órbita, sem nexos nem correlações, nos seus movimentos acelerados.

Condicionar, pois, a vida administrativa do municipio, creando para a colectividade aqueles melhoramentos que a força dos seus componentes permitir, sem convulsões que aniquilem ou pressões que afugentem os obreiros do bem estar que todos desejam, obra de progresso, sim, mas progresso moderado—tal deverá ser, em nosso modesto entender, a acção dos homens bem intencionados que se encontram á frente da Câmara Municipal de Faro.

Para garantia deste succincto programa, mais do que nunca, deverá carecer a Câmara da congregação de todos os esforços e da harmonia de todos os contribuintes, harmonia que de modo algum pode resultar das deliberações que hajam de ser tomadas por quem, em ultimo recurso, deve resolver. Se a Câmara, em casos similares, tem encontrado para muitos contribuintes, a parcial solução do conflito, transigindo com os individuos numa parte apreciavel das suas pretensões, porque não hade achar a mesma solução para a Associação Commercial, servindo-se do mesmo criterio de moderada transigência?

Roubo misterioso

Diz-se com insistencia ali pelos cafés que foram assaltadas pelo gatinho misterioso a que ultimamente se referiu um jornal desta cidade, mais duas importantes casas, cujos proprietários já entregaram as respectivas queixas.

Em uma delas o rocambolesco gatinho teve a audacia de prevenir a sua fãntasia com algumas horas de antecedencia;—este facto deu lugar a que o proprietario dessa casa, já precavido com a noticia a que nos referimos, ocultasse as suas joias num falso da escrivania, deixando apenas ao atrevido larrapão, se tivesse o arrojo de lá apparecer, o cofre completamente vazio.

No dia seguinte, ao abri-lo, encontrou coitado a uma das prateleiras um cartão azul com os seguintes dizeres: *Eu voltei!* M. F.

A burla dos seguros de vida

Com a assistencia do juiz de direito, delegado, respectivo escrivão, dos médicos srs. drs. Alexandre de Assis e José Filipe Alvares, e do enfermeiro do hospital, procedeu-se na sexta feira, no cemiterio publico desta cidade, á exhibição do cadaver de Joaquim das Murtas, um dos segurados pela quadrilha do dr. Candido de Souza.

Do cadaver, que se encontrava em caixão de chumbo, depositado numa catacumba, foram retiradas as visceras, humero e um femur, uma fibia, cabellos e um bocaco de roupa, que vão ser enviados ao Instituto de Medicina Legal.

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

Importantes têm sido as obras já realizadas, onde se despenderam verbas elevadissimas, que no entanto ainda estão longe do seu termo, pelo que muito dinheiro ainda se gastará para se chegar á sua conclusão.

Estando, como está, aberto o canal de acesso ao porto, continuando como devem continuar as obras de proecção e outras consideradas indispensaveis e que tão necessarias são, seria incoerente que o comercio de exportação, que tantas reclamações tem apresentado para que se fizesse o porto, não exigisse de quem de direito, a entrada dos navios que aqui vêm receber as suas cargas.

As mercadorias, que os carregadores embarcavam, antes da abertura do canal de acesso, estavam sujeitas a toda a especie de precalços, porque não era raro acontecer a perda d'alguns volumes, o prejuizo resultante da danificação pela agua, quer nas embalagens, quer ainda nas proprias mercadorias.

Hoje esses prejuizos estão conjurados, desde que os navios não recebam as cargas em pleno oceano.

Ora acontece ainda que muitos carregadores, levados pelo habito que lhes foi creado pelo pagamento do celebrado imposto de ad-valorem, de triste memoria, ainda não trazem a Faro as mercadorias que então embarcavam n'outros portos naturaes, continuando por isso a embarca-las em pleno mar, sujeitando-se assim a todos os contratempos.

Esse mau habito tem que desaparecer, porque as mercadorias procedentes d'outro concelho, onde já haviam pago os 2% do tal imposto e que em Faro eram sobrecarregadas com mais 2%, já não pagam ad-valorem, quando transitam dum para outro concelho.

Sendo assim e porque todós á uma exigem ao Estado quantias avultadas para que se faça o nosso porto e pretendem tambem que os vapores entrem a barra (muitas vezes para receberem pequenos lotes), sendo assim, repetimos, por que não hão-de os carregadores chamar a Faro todas as mercadorias que aqui devem ser embarcadas?

Mesmo as vias de comunicação, agora, estão melhoradas, são outras, pelo que os fretes são menores.

O porto de Faro-Olhão, que tantos sacrificios são necessarios ainda para que seja o que deve ser e que todos nós desejamos, bem merece de todos a obrigação de lhe prestarem o melhor do seu concurso e digamos mesmo que tem direito a receber da exportação as devidas compensações.

Se é talvez para lamentar esta especie de desinteresse por parte do comercio e da industria locais, não é menos para lastimar que a Junta Autonoma do nosso porto não tenha chamado a atenção destas classes para tão momentoso assunto.

Não seria sobremodo conveniente que se realisasse uma reunião conjunta para a resolução deste problema, a que não pode ser negada uma capital importancia?

Ái fica o nosso alvitre, o qual bastante desejamos que seja recebido com agrado, porque não nos move outra especie de interesses, que não seja ver o engrandecimento dum obra que nos eleva no conceito dos outros povos.

F. V. M. Corte Real

Medico cirurgião
 Clinica geral e dentaria
 Consultorio: Rua Batista Lopes, 45
 Residencia: Rua de Portugal

Emblemas

Da Liga N. D. dos Animais vende o socio correspondente Emilio Fernandes Moita, Rua do Alportel, 23—Faro.

Esta companhia deu mais um espectáculo no Ciné-Theatro Farense, como despedida, na passada segunda feira.

A pedido repetitivo do quadro regional da revista "Tremoço Saloio", que mereceu o mesmo agrado do publico, tendo sido bisados alguns numeros, entre os quais a dança beira o *estaladinho*, que mereceu fartos aplausos do publico.

Seguiu-se um acto de variedades, que agradou, sendo na terceira parte do espectáculo representada a revista *Fonte dos Amores*, da autoria dos *Dois Irmãos Unidos*.

Não se pode dizer que da revista tenha brotado a agua cristalina da fonte coimbrã, nem tão pouco nela houve qualquer coisa que se prendesse com a tradição dos amores infelizes de D. Inês.

Se alguma coisa havia que dissesse respeito a parte do titulo foi por certo o bailado *Amor Perfeito*, em que Lubélia mais uma vez se evidenciou na Arte, que tão gracilmente domina, apresentando-nos um vestido interessante, permitindo assim um conjunto a que bem se pode chamar um *perfeito amor*.

No entanto, a peça é rasoavel, agradando mesmo devido ao bom desempenho, no qual todos se salientaram nas rabulas que lhes foram distribuidas com muito acerto.

Foi carinhosa a despedida do publico, que, aplaudindo sempre, fez uma chamada especial a Lubélia, que em todos deve ter deixado uma impressão agradável, a que não deve ser extranho um pouco de saudade!...

E diga-se, de passagem, éla bem o merece...

Companhia Artista Portuguesa

Esta companhia, de que fazem parte as atrizes Mari Pires Marinho e Celeste Leitão e o actor Holbeche Bastos, deram tambem dois espectáculos no Ciné-Theatro Farense, na quarta e quinta feira passadas, depois duma «tournee» pelo Algarve.

Levaram á scena, na primeira noite, a revista *Siga a Dança*, e na segunda, a opereta *As Pupillas do sr. Ritor*.

O primeiro espectáculo enganou por completo a espectativa do publico, que encheu a vasta sala do Ciné.

Manta de retalhos, mal unidos, nenhum efeito produziu pelo que os espectadores só ao de leve aplaudiram algumas rabulas, mesmo estas não isentas duma boa dose de malicia saliente, para não dizermos outra coisa.

Se alguém temos que destacar, pelo esforço dispendido e pelo agrado provocado, foi sem duvida Casimiro Rodrigues no *compère* e Maria Pires Marinho, que se salientou justamente no *Tango da Dor* e num trecho da opereta *Boémia*.

Valer-nos ainda, embora só para regalo dos olhos, a *comère*—a atriz Maria Alice—rapariga um tanto interessante.

O segundo espectáculo realçou-se com uma casa fraquissima, o que bastante deve ter influenciado no espirito dos artistas, para que da bela adaptação do lindo romance de Julio Diniz, nada resultasse de agradável.

A musica que o falecido maestro Filipe Duarte propositadamente escreveu para a opereta, inspirando-se nas paginas do celebre romance, não nos produziu aquele efeito que sentimos ha anos no S. Luiz—o bello teatro lisbonense—ao assistirmos á primeira representação da peça.

Os côros, que então nos causaram tão boa impressão, foram agora apresentados ao publico de tal forma, que umas vezes a musica perseguia as vozes e outras eram as vozes que perseguiam os acordes da orchestra. Uma desafinação e um efeito deploravel.

E' bem natural, como dissemos, que isto fosse provocado

(conclui na 2ª pagina)

Os processos jornalísticos. A correção e a brandura do sr. Salgueiro. O sr. Mario Salgueiro, director d'O Povo, tendo-lhe algum enviado O Algarve com a minha resposta ao Nemo, entendeu transcrever a para se regalar, acrescentando mais uma, por minha conta, á serie de *caranbolas* que tem dado naquele austero Conselheiro das coroas, da coroa real e da coroa de espinhos, daqueles espinhos que o Raposo da Reliquia descobriu numa tarde nevoenta nas margens biblicas do Jordão como prenda de fé suprema para uma tia rica e beata.

Nada isso me interessaria, se o sr. Salgueiro se limitasse, mesmo sem minha licença, a arvorar-me em seu auxiliar na malhadela, em que anda empenhado, para pôr n'um feixe os ossos duros e amargos como piórns do vetusto luminar culminante do ferro-carril e da religião do Nemo, que é bem diversa da de Cristo.

Mas o sr. Salgueiro quiz abrir a transcrição com varias farofias e alabardias da sua lavra que é preciso reduzir, e quiz fecha-la pondo-me na hoste monarchica, hombro a hombro com o conselheiro, com aquela gravidade com que lança os fulminantes decretos do seu jornal. Este diploma de monarchico, que ele me passa declarando por fim que me não conhece, é enfeitado com o contraste assás visível que estabelece entre os nossos processos jornalísticos aos (a gramatica torceu um pé) que eles...sam...quando se zangam!...

Os meus processos são, realmente, diversos dos do sr. Salgueiro, até mesmo daqueles que ainda ha poucos dias O *Diario Popular* lhe assinalava. São mais francos, mais rudes, mais sinceros, não são doirados como os do sr. Salgueiro porque eu não possuo os dotes de fletista fino, de esgrimista subtil e elegante que distinguem o barbudo patriarca do maçnismo e do republicanismo. A tão raros dotes de espadachim e de elevado diplomata, o sr. Salgueiro junta ainda uma abundancia exuberante de fantasia, e uma incompreensivel falta de memoria, falta lamentavel que o faz cahir em narcisismos tão ridiculos como este:

«antes são já eles (o conselheiro e eu) que nos excedem empregando uma violencia que nos suprheende e fazendo indirectamente justiça á nossa correção que eles põem de lado». Como ele se admira a si mesmo, o tolinho! A brandura e a correção chegaram ali...

Como se a gente não visse a «brandura» e a «correção» com que ele fala do *Diario de Noticias*, a «correção» com que põe a giga no chão e a «brandura» com que diz do velho jornal o rosario de más ações e de ruins manhas que ele só teve artes de descobrir depois de sahir de lá!

E' preciso estar muito esquecido das virtudes proprias para assim notar as alheias!

A correção do sr. Salgueiro!... A brandura do sr. Salgueiro!... Estamos daqui á vés-las naque a campanha do monumento ao dr. Antonio José d'Almeida...

Porque o *Diario de Noticias*, pela amizade sincera do seu director, ainda o tumulto do grande republicanismo não estava fechado, rompera, com uma rara e nobre dedicacão, uma campanha para lhe erigir um monumento, iniciativa que todos os republicanos, alheios a rancores e a questões, receberam com aplausos, o sr. Salgueiro, com a correção e a brandura que o distinguem, começou a gritar contra o *Diario de Noticias*, e a dizer que ele representava uma farça que todos os republicanos deviam repelir. O monumento ao grande tribuno devia ser obra de republicanos, o *Diario de Noticias* não o era ou tinha deixado de o ser, desde que dispensara os serviços do Salgueiro.

O *Diario de Noticias*, que tivera tempo de estudar bem a fundo o compromisso que tomara e que para cumprir com brilho lhe podia sahir muito caro, não quiz privar o sr. Salgueiro da gloria por que se batia e entregou a pasta.

Ora a razão que o sr. Salgueiro apresentava, dizendo que um monumento ao eminente candidato republicano só devia ser obra dos republicanos é destas que antigamente se chamavam de cabo de esquadra.

A quem é que passa pela cabeça que esse monumento podia ser erecto e pago por monarchicos, que fossem eles que prestassem homenagem a quem soube sempre com tanta altivez manter o ideal republicano?

Mas se assim fosse, se assim pudesse ser, associarem-se os monarchicos aos republicanos para essa culminante homenagem, não constituiria ela, por vir de portugueses que acima da politica que os divide se uniam para celebrar um grande cidadão do seu paiz, a maior e mais gloriosa homenagem que se podia prestar ao indefectivel caudillo, que nunca pactuou com os naturaes inimigos da Republica?

Isto é tão evidente que o sr. Salgueiro não merece parabens pela victoria que o *Noticias* lhe entregou. A sua campanha, se não fosse inspirada pela sua conhecida *brandura* e pela sua apregoadissima *correção*, só teria explicação n'um jacobinismo de sola e vira incompatível com esta epoca de aviões e de televisão.

Os «processos jornalísticos», a «brandura» e a «correção» do sr. Mario Salgueiro, já nós vimos de que força eram, vamos agora a ver de que força é o atestado de monarchico que ele me passa chamando-me correligionario do Nemo.

«E' pena não conhecermos o autor da prosa do jornal monarchico para lhe darmos os parabens».

Então o sr. não me conhece e chama-me monarchico?

Aqui está uma coisa que desfigura um pouco o homem honesto que o sr. é. Não é por mal que o sr. faz isso, sei bem. Creio-o incapaz de caluniar, mas a sua afirmativa a meu respeito, ou é producto de informacão dalgum dos muitos animaes jacobinicos que se julgam os unicos depositarios e adoradores da fé republicana, ou é mais um movimento inconsciente e inconveniente daquela sua paranoia conhecida e ha dias notada pelo sr. Celorico Gil, de que não pode haver republicanos, sem passarem pelas crivos depuradores do sr. Salgueiro.

Em qualquer dos casos a vitima não sou eu, é o senhor.

E não me justifico. O atestado de monarchico, que me passa, é uma coisa ridicula que fazia apenas sorrir os meus longos anos bem documentados de luta na imprensa diaria pelas ideias republicanas, desde quando a Republica era apenas uma quimera, se não sentisse magua ao ver a maneira como um jornalista da sua envergadura, o director de um importante diario republicano, documenta as suas afirmativas.

Não aceito os seus parabens porque tambem os não aceitei de tantos que m'os deram quando desanquei alguns dos republicanos pulhastras que o sr. tem como seus amigos lá em Faro, em tarefas mais bem escritas e mais fortes que esta aplicada ao Conselheiro das coroas e com que muita gente, que os conhece, se regosijou mais do que o sr. se regosija agora.

E não aceito para poupar-lhe a decepção que ao ler estas linhas lhe deve ter invadido o coração e regosijado o dos que não são seus amigos. E' o que este jornal tem de mau.

E é por isso que uns, como o sr., e os seus amigos de Faro, lhe chamam monarchico, e qui

MUNDANISMO

CRISTAIS

Branqueiam por detrás da vitrine. Têm, por momentos, scintilações de arco-íris. Um raio de sol, passando em obliquo, beija-lhes os facetados, amaciados e anima-lhes os coloridos, espiritualiza-lhes as formas, deixando, atrás de si, um estêre reflexivo, ardente, como praias luminosas, que só nos produzem embriaguez entontecedora.

Nossos olhos mergulham, galvanizados, sedentos, ávidos, cúpidos, para se cerrarem cansados, nevróticos, doentes, ante o lampeamento feérico desse espectáculo magnífico e deslumbrante, onde há reverberos frios, metálicos, vítreos, que nos traspassam e enlouquecem.

Cristais brancos de Veneza, prismáticos e translúcidos; cristais azulados de St. Lambert, finos e esguios; cristais policromados de Karlsbad, bojudos, fartos e sangrentos; cristais de Baccarat, leves frêgeis e sedutores, onde nossos lábios desferiam poisar, no meio de um ambiente orgânico, bacanal, desvirado e louco!

Cristais: Fragilidades que encantam, prendem e matam!

Lisboa, Janeiro, 1930

Thiago

Setem anos

Em 20—Mlle. Mary Stuart Salter de Souza.

Em 21—Conde de Silve e Francisco José Pinto.

Em 24—D. Georgina Barroso Serrão.

Em 25—Mlle. Tereza Antonia Ramalho Ortigão e Armelino Rodrigues.

Partidas e chegadas

No rápido de quinta feira partiu para Lisboa onde amanhã embarcará a bordo do Africa para Lubango, (Angola) o nosso confratello sr. Anibal da Fonseca Alexandre.

Na gare teve uma despedida muito affectuosa por parte de grande numero dos seus amigos.

Afim de acompanhar sua mãe sr.ª D. Julia Leote do Rego, encontra-se nesta cidade, com sua filha, a sr.ª D. Mariana Ramos Coelho de Sá.

Esteve em Faro o sr. dr. Falcão Feiteiro, advogado de Odemira.

Foi a Lisboa o sr. Emidio Dias Uva.

Regressou do Alemtejo o sr. Virgílio Martins Caiado.

Encontra-se em Faro, hospede do sr. Vidal Belmarço, o sr. Libanio Correia, importante comerciante de Lisboa.

TEATRO

(Continuação da 1.ª pagina)

pelo choque produzido no elenco da companhia ao verificarem as grandes clareiras que havia na sala, pela ausencia do publico.

O fracasso deste espectáculo deve-se por certo ao mau resultado da estreia. Se a companhia os inicia e com a opereta e na noite seguinte apresentasse a revista, para melhor dizer, a pseudo-revista, talvez o resultado material e moral fosse outro...

Enfim, são modos de ver e o que não tem remedio, remedio está. Para outra vez que possa apparear, podem emendar a mão, porque agora é tarde de mais...

E depois deste desastre ainda tiveram a pretensão de darem outro espectáculo, a preços populares, para assim chamarem o publico! Nem sempre o melser ve para apanhar moscas e de resto, nunca aconteceu a bilheteira do Cine-Teatro partida igual á que agora lhe fizeram, o que os bilheteiros podem atestar. Mas o que é verdade, é que estes não tinham culpa e neles é que algem se vingou em nome de tantos que assistiram á mimosa revista e que saíram a chorar o rico dinheirinho.

Coisas que acontecem.

F. P.

tros, o Nemo e a tropa dele lhe chamam jacobino—mas e outros gritam quando lhes do! Esta liberdade de movimento é que o sr. nem eles são capazes de ter, visto todo o andarem encabestrados a conveniências de politica sectaria, é esta independencia que faz com que o sr. chame monarchico a um homem que antes do sr. ter nascido já era republicano e continua a ser o mesmo sem licença dos aproveitadores da Republica.

A MELHOR REVISTA QUE SE REPRESENTA EM LISBOA

Ó Ricóco

em 2 000000s 2,30 10,00

Teatro Maria Vitoria

"O Algarve" e "O Povo"

Os «republicanos» e «liberaes» que nós atacámos. A «Republica» deles e a nossa «monarquia». O que eles nos não perdoam

O Povo, jornal republicano e maçon da capital, transcreveu de O Algarve uma parte da carta de Lisboa em que o nosso prezado correspondente se defendia de uma insolita e injustificada e tambem estúpida agressão chocarreira, indigna de um jornal que se diz religioso.

Se, aos sentimentos que O Povo costuma freqüentemente exteriorisar a respeito da pessoa visada, correspondia, com louvor até, a prosa do nosso correspondente, ela tinha para o mesmo jornal o recado de ser publicada n'O Algarve.

Como tirar deste inferno de reprobos que é O Algarve perante a hoste maçonica, uma tão gabada decompostura, sem ofender os melindres dos amigos de O Povo, destes amigos aqui de Faro, que durante dias acarinharam com as mais retumbantes homenagens, festas e banquetes o director daquela folha? Antecedendo a transcrição dos qualificativos de orgão de ataque cerrado aos republicanos e aos liberaes e fechando-a com um atestado de monarchico que até se parece muito com alguns atestados de bons republicanos que as comissões e juntas republicanas, passavam a façanhudos monarchicos, quando eles pretendiam vir pastar, como ahí estão alguns, nos praços virentes da Republica, em prejuizo, algumas vezes, de republicanos bem merecedores e necessitados.

Como se vê, o director d'O Povo não gastou muita imaginação para acalmar o seu coração de bom maçon e a sua cortezia de bom republicano orthodoxo.

E, talvez por isso, comete-se, não algumas injustiças conscientes, mas, seguramente, alguns erros de facto facilmente explicaveis por só ter andado em Faro, de gondola e escoltado e informado pelos que na futura revolução, se ela vier, serão commissários do povo e, se ela for, serão uns pobres doentes inofensivos, inválidos e barbudos, recolhidos no leito muitos dias antes do acontecimento, ou uns enternecidos e lacrimosos acusados, incapazes de se meterem em tais aventuras.

Se o director d'O Povo, por cá estivesse é que podia avaliar bem, quem são os republicanos e os liberaes que temos atacado.

Ao povo, aquele que é republicano para se bater pela Republica, aquele que não é mistificador escondendo sob a divisa republicana apenas appetites de comer e de mandar, a esse, nunca nós atacámos.

Temos desancado, sim, aqueles que andam a pregar republicanismo enquanto isso lhes não custa, nem esforço, nem dinheiro e lhes pode servir para sacar uma letra sobre a Republica; aqueles que dizendo-se maçons e republicanos, se comprazem em viver na sociedade dos monarchicos para quem têm todas as deferencias e atenções não dando confiança e tendo nojo, até dos correligionarios porque eles não andam bem vestidos por serem pobres.

Se o director de O Povo nos lêsse e os conhecesse a eles, veria que, com esta restrição, os seus dizeres ficavam certos.

Mas ainda não pára aqui a ignorancia d'O Povo a nosso respeito. Se ele nos lêsse quantas transcrições teria feito!

Teria transcritto o que dissemos de João Chagas, de Magalhães Lima e do grande homem de bem que era Antonio José d'Almeida. Teria ainda transcritto o que temos dito a respeito do Niassa, do Centeno, do Rego, do Ferreira e doutros varões insignes e, certissimamente, a hossana que o sr. correspondente de Lisboa entouhou nos fomos em loivor dos dois colossos da imprensa portugueza, amigos e encobridores dos varões illustres acima citados. E, como é homem honesto, que preza a verdade, havia de, com certeza, achar o nosso monarchismo um pouco estranho.

De resto, não é o atestado do director de O Povo que nos levou a pegar na pena. Não se é republicano como se é revolucionario civil. São os factos, mais que as palavras, que marcam o republicanismo de cada

um. Por causa das palavras de tantos que apregoam republicanismo e praticam monarchismo, é que nós chegamos ao que está.

De resto, o director d'O Povo, a quem nós, sem receio de censura dos nossos correligionarios, não temos duvida de fazer aqui, publicamente, a justiça que merece a sua infatigável fé na defeza dos ideaes, tem o conhecido defeito, ha dias apontado pelo Diario Popular, de pretender que todos pensem como ele, de que todos sigam as suas ideias e de, como grande Budah sacrosanto, como oráculo supremo da Republica, só deixar que sejam republicanos os que tenham a chancela do seu reconhecimento.

Pela nossa parte não lhe levamos a mal a pretensão e achamos que ela está dentro de uma psicologia normal embora um pouco excitada, tão grande é a dedicação e o trabalho do director de O Povo, no meio de tantos bons republicanos que não trabalham nem se importam da Republica desde que ela não pode dar o que eles querem.

Não queremos, porém, deixar de, mais uma vez, definir aqui a nossa politica. A politica de O Algarve é só uma, bem clara, bem definida, bem conhecida—é a politica dos supremos interesses do paiz, da dignificação e gloria da Patria.

Aplaudimos todos os que com dignidade e dedicação defendam por obras, esses interesses e, com factos, consigam realizar essa dignificação e essa gloria, sejam eles quem fôr.

Temos defendido a Republica e defende emos sempre desde que ela trabalhe com sinceridade para a realização daqueles fins.

E nunca lhe pedimos nada, nem pediremos, coisa de que se não podem gabar numerosissimos amigos e correligionarios de O Povo.

Conhecemos os homens sufficientemente para só nos fiarmos dos factos. Não vamos a reboque de quaisquer partidos ou facções e não recebemos directivas que não sejam as que nos ditam o nosso patriotismo e a nossa consciencia. Esta independencia de vinte dois annos delata, que não contemporisa e não re-

Se quereis defender a vida de vossos filhos auxillai a luta contra a tuberculose afixando na correspondencia, durante o mez de Dezembro, o selo anti-tuberculoso a venda em todas as estagões do Correo e na Assistencia Nacional aos Tuberculosos e cujo preço é de \$20.

cebe ordens seja de quem fôr, é que constitue o monarchismo d'O Algarve, no dizer daqueles que são tudo, mas tudo o que dinheiro e não tudo o que exija esforço, trabalho e fé. E, se não fosse assim, se O Algarve não tivesse um ideal de altiva independencia pela qual sofre e trabalha, ha muito já que teria a sorte de certas folhecas que ahí surgiram, netas, filhas e sobrinhas de gente rica, saudadas á nascença, não por magos de coroa, mas por numerosos e entusiasmados magicos de barrete frigio, que acabaram por morrer de fome e de sede, antes mesmo de lhes nascer o dentes.

Liceu João de Deus

A Comissão encarregada da organização das festas a realizar no liceu, por occasião do Centenário do seu patrono e insigne poeta João de Deus, ficou assim constituída:

Presidente—Dr. José Júlio Rodrigues, Vagoes.—Dr. José Antonio Ventinho Junior, dr. Gaspar José Machado, dr. Eduardo Antonino Pestana e o Presidente da Academia.

Politica de confiscação

Os partidarios da politica de confiscação, iste é, do que é meu é meu e do que é teu é nosso, dizem que o sr. dr. Oliveira Salazar fez do Estado rico e do povo pobre.

O Estado não está rico, só deixou de ser caloteiro como antes da ditadura, trazem-lhe as suas contas em ordem e por isso são-lhe applicaveis as seguintes palavras: «Estado pobre n'um paiz pobre, e imprindo honrabilidade os seus compromissos».

Para se provar que o Estado está pobre basta observarmos que Portugal não tem o que exige a civilização europeia, isto é, hospitales, laboratorios sanitarios, conveniente canalisação de esgotos nas capitais de districto, etc.

Comparemos o que existe em Huelva, em materia de higiene e assistencia publica com o que ha em Faro e logo veremos que o Estado, por ser pobre, não pode fornecer os recursos necessarios a esta ultima cidade, para que ela tenha aquilo que é indispensavel para ser uma capital digna deste nome.

Dizem os detractores da grandiosa obra do sr. dr. Oliveira Salazar, isto é; os partidarios da politica de confiscação, que o equilibrio orçamental devia ser feito paulatinamente, durante trez annos.

Esquecem-se os partidarios da politica de confiscação que, daqui a trez annos, as contribuições seriam maiores, pois que as despesas actuaes viriam a aumentar os juros do deficit orçamental dos referidos trez annos, sem vantagens reaes para os que tinham montados os seus negocios baseados na politica de confiscação.

O emprestimo necessario para as obras do fomento seria retardado, adiando por este facto o ressurgimento da nossa deperada economia nacional

Ninguém ignora que, para se fazer um emprestimo em condições vantajosas, é indispensavel termos as nossas contas equilibradas d'uma maneira estável.

A politica financeira do sr. dr. Oliveira Salazar não produziu falencia das casas commerciaes e industriaes, pois que as que faliram em 1929 já estavam em falencia quando foi da estabilisação da moeda, vivendo desde então, por espirito de conservação, de expedientes.

E' muito provavel que mais algumas venham a falir em 1930, sem que o sr. dr. Oliveira Salazar seja responsavel por taes falencias.

A resposta aos que elogiam a politica anterior á ditadura foi dada pelo jornal «A Gazeta», de 9 do corrente.

«Diz-se—e ainda ontem o «Diario de Lisboa» o deixava antever—que o sr. Perpetuo da Cruz volta á sua offensiva.

Seria de toda a conveniencia que S. Ex.ª esclarecesse estes pontos:

1.º E' ou não certo que os partidos, endo deixado de pagar cinco semestres de juro e amortização dos Empréstimos dos Tabacos, de 1891 e 1896, deixaram para a Ditadura pagar—como pagou—duas das tres prestações em que o sr. dr. Alberto Xavier acordára com os credores que fossem pagas essas prestações atrasadas?

2.º E' ou não verdade que só por isso a Ditadura pagou cerca de 800 mil libras que os partidos deviam ter pago?

3.º E' ou não verdade que, pelo crédito dos tres milhões de libras, aproveitado pelos partidos, teve a Ditadura de pagar muito mais de um milhão de libras?

4.º E' ou não verdade que, desde alguns annos, os partidos haviam deixado de pagar os juros e a amortização dos titulos do Fundo de Amortização e Reserva?

5.º E' ou não verdade que, pelo Fundo de Maneio das Cambiais de Exportação, deixaram os partidos de pagar ao Banco de Portugal cerca de 130 mil contos?

6.º E' ou não verdade que os partidos venderam os titulos ouro que constituíam o Fundo dos Conventos Suprimidos?

7.º E' ou não verdade que os partidos, tendo contraído a divida de guerra, nunca pagaram um centavo sequer dos respectivos juros e amortização, limitando-se a deixar, em cada semestre, juntar á conta do capital os juros vencidos?

8.º E' ou não verdade que, por esta forma, a divida de guerra chegou a ser de cerca de 24 milhões de libras?

9.º E' ou não verdade que os partidos venderam a prata por um milhão e meio de libras?

10.º E' ou não verdade que o deputado democratico sr. Soares Branco, na vespera do movimento de 28 Maio, apresentou á Camara dos Deputados um projecto de reforma tributaria, em cujo relatório confessava que só nos ultimos meses as despesas publicas tinham sido aumentadas em algumas dezenas de milhares de contos?

11.º E' ou não verdade que umas das caracteristicas da obra administrativa dos partidos era a não contabilização de dezenas de milhares de contos de despesas?

12.º E' ou não verdade que os partidos não gastavam nada com a conservação das estradas, tendo-as deixado transformar em verdadeiras ruinas?

13.º E' ou não verdade que, mesmo tendo emitido o celebre emprestimo rávico, e a despeito de terem deixado á Ditadura todos os pagamentos apontados, a divida flutuante era:

Em 30 de Junho de 1924—606.713 contos, em 30 de Junho de 1925—1.020.926 contos, em 30 de Junho de 1926—1.712.711 contos?

14.º Como podiam então ser inferiores a 200 mil contos os «deficits» dos governamentais dos partidos?

15.º E' ou não verdade que a Ditadura, tendo resolvido o problema da divida de guerra, tem as suas prestações pontualmente pagas, num montante já superior a um milhão de libras?

16.º E' ou não verdade que a Ditadura acudiu já ao problema das Estradas, gastando com ellas, em cada anno, mais de 100 mil contos, além do que desperdiça os partidos?

Visto que se trata de um inquerito ás finanças do Estado e á economia do País, tudo isto é indispensavel saber-se.

Eis em resumo a resposta dada aos partidarios da politica financeira dos partidos, e em especial a um illustre poeta e jornalista, de quem espero resposta.

Não posso aceitar, como dogma, a opinião do sr. dr. Marques Guedes, pois que um intellectual farense deve ter opinião propria, sem ir buscar aos miolos doutros, por mais desenvolvidos que eles sejam. Por isso espero que a resposta será original.

José Filipe Alvares

Quereis trabalhos tipograficos com perfeição rapidez? Dirija-se á Tipografia de «O Algarve», Rua do Alportel, 23—Faro:

COMPANHIA CINE THEATRO FARENSE

Sociedade Anonima de Responsabilidade Limitada

CONVOCAÇÃO

Nos termos do Art.º 20.º dos estatutos convoco a assembleia geral de ta Companhia para o dia 25 do corrente mez de Janeiro pelas 15 horas, na sede social afim de tomar conhecimento da contas da gerencia de 1929, discutilas, aprova-las ou modifica-las.

Não havendo numero legal para a constituição da assembleia, convoco-a desde já para o dia 16 de Fevereiro proximo, á mesma hora e no mesmo local para o dito fim.

CONVOCAÇÃO

A requerimento da Direcção nos termos do Art.º 25.º dos estatutos convoco a assembleia geral extraordinaria desta Companhia para o dia 26 do corrente mez de Janeiro, pelas 17 horas, na sede social afim de serem os mesmos estatutos modificados.

Não havendo numero legal para a constituição da assembleia, convoco-a desde já para o dia 16 de Fevereiro proximo á mesma hora e no mesmo local para o mencionado fim.

Faro, 4 de Janeiro de 1930
O Presidente da Assembleia Geral Miguel Ramalho Ortigão

A Arte do Silencio

Exibiu-se um destes dias no nosso Cine Teatro Farense, o filme super—O Vento, do grande realizador scandinavo, Vitor Sjostrom. A empreza do Cine fez publicar nos programas opiniões dos criticos dos dois jornaes mais importantes de Portugal, o Noticias e o Seculo. São essas opiniões que hoje me fazem pegar na pena para fazer alguns comentarios. O publico farense, como outros mais vastos e mais selectos, não gostou do filme tão calorosamente elogiado pela critica dos colossos. Este desacordo é quasi constante.

Quando os meus leitores virem criticos lisboetas deitar abaixo a prateleira da arte, da beleza, do elogio, desconfiem dos filmes. Quando os virem a dar conselhos aos artistas, aos realizadores e a todos os que são necessarios para pôr em pé uma obra cinematografica, dizendo ao mesmo tempo que ela agradou ao publico, tenham a certeza que o filme é bom. Tudo o que eles dizem, as restrições que fazem, as emendas que notam, tem apenas por fim fazer ver aos seus leitores a superioridade que eles se supõem ter sobre os que realizaram o filme e sobre os que o aplaudem.

Estas pretensões tem sido comentadas sem indulgencia e com bastante espirito pelo Rumor, um novo jornal de Lisboa, que tomou á sua conta os criticos ferozes da capital.

Certo é que o Rumor lhes tem batido com baldas tão certas, que eles vão refendo as pretensões ridiculas que ostentavam, arvorando-se em depositarios dos sagrados papiros da arte muda, para ensinar toda a gente. Ha um outro filme muito elogiado por eles ultimamente e que teve um grande successo de curiosidade, mas que nas provincias está destinado ao mesmo agrado do Vento.

Estes filmes que eles chamam de arte e de outros nomes, não agradam apenas porque o publico é tão impressionado como se estivesse mergulhado num pezadelo. E o publico não gosta de divertimentos, nem pago o seu bilhete para se envolver em pezadelos. Bem lhe bastam os que tem na cama, quando tem uma má digestão ou alguma doenca.

E eu que, antes de critico sem gente, acho que ele tem razão.

O filme portuguez José do Telhado será exhibido em Lisboa no Central Cinema, visto a casa Raul Lopes Freire ter tomado a seu cargo a distribuição do José do Telhado no sul do Paiz.

Um lindo sonho para creanças, o filme A Vendadeira de Fosforos, que ha dias foi pateado no Central Cinema, de Lisboa. Nem outra coisa era de esperar de um publico educado com o movimento super trepidante do filme americano.

Depois de amanhã começa a exhibir-se no S. Luiz, em Lisboa, a melhor obra de Pamplinas, (Buster Keaton), o filme—O Homem da Manivela.

A tempestade na Asia, filme russo da casa Melo Castelo Branco Lda. que ha pouco deixou o ecran do S. Luiz, valeespecialmente pela parte documentaria que é curiosissima e admiravel na reprodução dos costumes mandchus, as dansas populares, as dansas sagradas etc. com fotografias magnificas.

A não ser estes aspectos interessantes da Mandchuria, o resto, a efabulação dramatica, do filme não tem poder para emocionar o publico.

Na proxima temporada, já temos em Portugal installações de cinema sonoro e falante. Julgo saber que será o S. Luiz a apresentar em primeiro logar essa novidade em Portugal.

A Paramount faz as seguintes condições da installação: 70 a 80 mil escudos como prestação de entrada e 30 mil escudos por mez até ao pagamento total que devem ser 400 mil escudos.

No Porto, parece que estão construindo um cinema destinado exclusivamente a talkies.

Dizem, mas não sabemos se é verdade, que a censura prohibiu o filme, Diario de uma mulher perdida, de que a sociedade Universal de super-Filmes

Ha 44 anos de "O DISTRICTO DE FARO" De 13 de Janeiro de 1886

Grande Liquidação do Grande-Hotel de Faro e Pensionato Liceal João de Deus

Rua Infante D. Henrique, 122 Por motivo de dissolução de sociedade, vende-se em todos os dias da semana, com excepção dos domingos, das 13 ás 15 horas, a existencia do HOTEL e PENSIONATO, (em conjunto, por lotes ou por artigo), que consta de: bufete antigo em madeira preta, mobílias de sala, quarto e casa de jantar, sofás, secretárias, estantes para livros, louças, vidros, cristofles, roupas de cama, toalhas, cobertas, cobertores de lã e algodão, quadros para explicação, carteiras e bancos, quadros, globo esferico e muitos outros variados artigos.

AOS DOMINGOS: LEI-LÃO desde as 13 horas, devendo o primeiro realizar-se no dia 19 do corrente.

Pede-se a V. Ex.ª a subida fineza de visitarem o estabelecimento.

Para qualquer esclarecimento dirigir-se ao GRANDE-HOTEL, em Faro 46

Vae ser elevando á dignidade de par do reino, por nomeação, o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, ministro da fazenda e antigo deputado da nação.

O nosso illustre comprouviciario sr. engenheiro Joaquim Pires de Souza Gomes foi eleito para a comissao de obras publicas da camara municipal de Lisboa.

O sr. engenheiro José Antonio de Sousa Gonçalves, director das obras publicas do districto da Horta, foi transferido para identico lugar no districto de Faro.

L.da, tinha o exclusivo de distribuição em Portugal.

Na Avenida Almirante Reis, proximo ao largo do Intendente, está em construção um novo cinema popular. Com este são quatro os novos cinemas que a capital inaugurará na presente epoca.

A nova tabela de preços de aluguer de filmes, da iniciativa da firma Castelo Lopes L.da, que todas as outras firmas adotaram porque lhes dá mais dinheiro, encontrou grande resistencia e má vontade por parte dos exhibidores de todo o paiz.

Um numero esplendido, que faz grande honra á imprensa cinematografica portugueza, é o da revista Cinegrafia, do Natal. É baratissimo! Um verdadeiro milagre grafico!

Fazer um filme bom, é difficil, fazer um filme razoavel tambem não é facil, mas um ou outro pouco comercio farão se não forem lançados por uma publicidade intensa. E' o que está succedendo ao filme portuguez José do Telhado. Falta-lhe publicidade. Se até o Cinefillo, filho do honrado Seculo é contra élle Verdade seja que o Cinefillo herda as qualidades do pae Seculo que tem moralizado tudo neste paiz até o rico Centeno e virtuoso Ribeiro Ferreira. Não podia por isso defender o Zé do Telhado.

Aqueles dois ricos homens lhe bastam; tanto mais que o Zé do Telhado roubava aos ricos para dar aos pobres...

Um combatente francez, apreciando uma tentativa para a realisacão de um filme de guerra, diz muitas coisas interessantes e entre ellas estas:

«Não ha um unico filme de guerra incluindo Verdun, visào de historia, que não seja um erro».

«De todos os filmes de guerra ou sobre a guerra, foi a Grande Parada a que obteve maior successo perante todo o mundo. Esse filme tinha boas coisas, as pequenas—e coisas grotescas, falsas, criminosas, as grandes. Enquanto a açcão se desenrolava na retaguarda, ia menos mal, mas quando se aproximava das linhas era de fugir».

«Por Deus, pelo respeito que devemos aos nossos mortos, deixemos caminhar o cinema para outros destinos».

«Oçam; Se, o que eu não creio, um homem chegasse a reproduzir exactamente a guerra sobre uma fita de cinema, esse filme não teria successo algum».

COMPANHIA DE PESCAARIAS DO ALGARVE S. A. R. L.

Convocacão da Assembleia Geral Ordinaria

Para os fins designados no art.º 20 dos nossos Estatutos e em harmonia com os art.ºs 137 e 138 da Lei n.º 16731, de 13 de abril de 1929, convocamos a reunião da Assembleia Geral para o dia 26 do corrente, pelas 14 horas, no Escritorio da Companhia, em Faro, Praça D. Francisco Gomes, 33.

O Presidente da Assembleia Geral

(s) João Alvaro Pestana Girão

Companhia Maritima do Algarve S. A. R. L.

Nos termos do art.º 15.º dos Estatutos e para o efeito de apresentacão de contas, convocamos os srs. accionistas a reunir em assembleia geral ordinaria, no escritorio da sede social, no proximo dia 27, pelas 21 horas.

Não havendo numero sufficiente, fica desde já convocada nova assembleia para o dia 5 de Fevereiro proximo, á mesma hora e no mesmo local.

Faro, 12 de Janeiro de 1930

O Presidente da Assembleia Geral

João Francisco Lã

COMARCA DE FARO Arrematacão

No dia 2 do proximo mez de Fevereiro pelas 13 horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, nos autos de execucao movida pelo Ministerio Publico contra os executados Fernando Granell Peris e mulher Feliza Fuertes Ibañez, proprietarios, residentes em Faro, se hão de arrematar a quem maior lanço oferecer acima do valôr da sua avaliacao os seguintes bens pertencentes aos ditos executados conforme autos de penhora lavrados na referida execucao.

Um edificio onde se encontram instaladas as fabricas «Minerva» de Fernando Granell, com casas para guarda e arribanas, e bem assim os moveis penhorados e existentes na mesma Fabrica, no sitio de S. Cristovão, freguezia da Sé, desta cidade, confrontando do nascente com a estrada da Ponte das Lavadeiras ao Patacão, poente e norte com João José da Silva Ferreira Neto e sul com o Caminho de S. Cristovão tudo avaliada em cento e vinte dois mil e seiscentos escudos (122.600\$00).

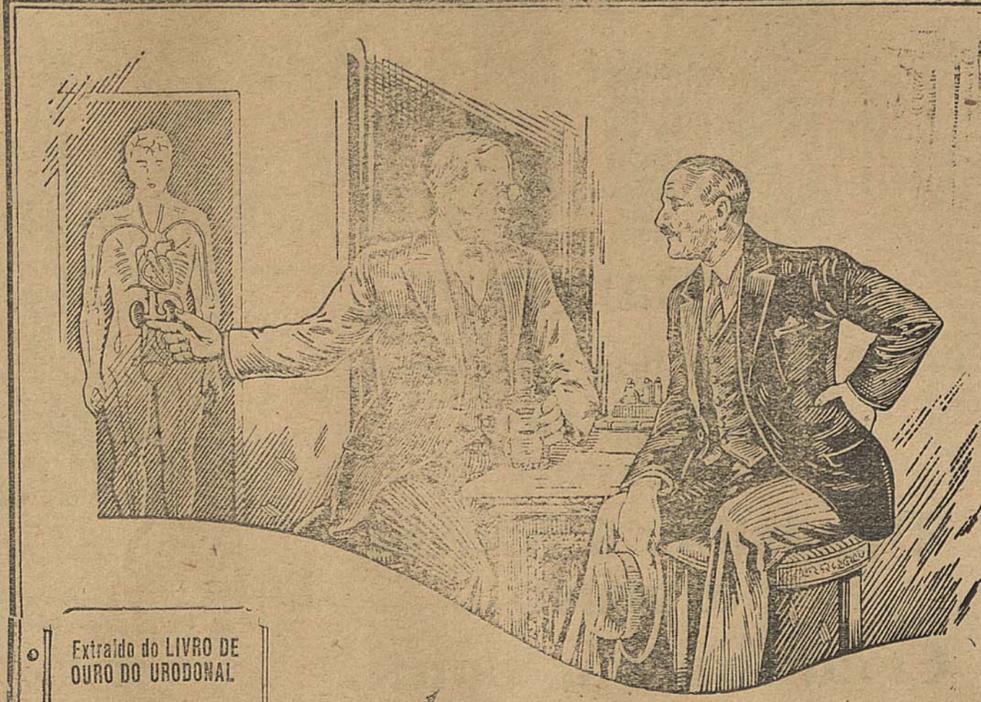
Por este anuncio são citados quaesquer credores incertos!

O Escrivào do 3.º officio

Bernardo José Ferreira

Verificou: O Juiz de Direito,

Francisco Carlos Soares



Extrato do LIVRO DE OURO DO URODONAL.

Alguns testemunhos de medicos espanhois Dr. A. Pi Suner. Lente da Faculdade de Medicina de Barcelona... Dr. Roberto Novoa Santos Lente da Faculdade de Medicina de Madrid... Dr. José Prieto Casero Lente da Faculdade de Medicina de Santiago... Dr. F. Reiz Pastor Lente da Faculdade de Medicina de Madrid... Dr. Sebastian Vizcaya Lente da Faculdade de Medicina de Sevilla...

REMESSA GRATUITA da obra «Porque é um perigo o sangue carregado de acido urico» pelo dr. Faivre, enviando este talão em envelopes aos Depositarios gerais em Portugal e Colonias Antonio Ssrre L.da, Campo Maritimo da Paiz, 66—LISBOA

A partir dos 40 anos...

Diz o medico: As pessoas de idade madura, cujos orgão de eliminacão urica comecam a efrouxar pelo desgaste natural, devem combater o artritismo recorrendo ao URODONAL para auxiliar os rins na sua funcao filtradora do sangue, carregada em excesso de acido urico; o artritismo lembra um grupo morbido que compreende: o Reumatismo, os Calculos, o Lumbago, as Exa-gueccas, certas Nevroses (asma, neurastenia, hipocondria), as Neuralgias localizadas (especialmente a sciatica) e, como ultimas etapas, as enfermidades do coracão de origem arterial: Arterio-sclerose com as suas terriveis consequencias, netrite albuminosa, uremia, apoplexia, parálisa.

A medicina moderna investigou laboriosamente até encontrar um dissolvente perfeito deste toxina: URODONAL. Com efeito, só chega a dissolver o acido urico, mas tambem o elimina á medicina que vai produzindo no sangue e nas celulas do organismo e, desta forma, proporciona ao artritico os preciosos elementos de uma salutifera eliminacão continua.

URODONAL evita e cura o artritismo porque dissolve o acido urico

CONCURSO

Quem será o contemplado?

- 1.º premio 10 libras em ouro. 2.º premio Uma viagem de ida e volta em 2.ª classe da localidade da residencia do contemplado a Lisboa, e um passeio de excursão em automovel de turismo, visitando, não só os monumentos e os museus mais importantes, como tambem os arredores mais pitorescos, tão admirados pelos turistas estrangeiros, com o seguinte itinerario: saída de Lisboa e seguindo á Amadora, Queluz, Sintra, Boca do Inferno, Cascais, Estoril, Parede, Paço de Arcos, Cruz Quebrada, Dafundo, Algés, com terminus em Lisboa, assistindo nessa noite o contemplado a um espectáculo em qualquer teatro da capital. 3.º premio Uma corrente de ouro e um relógio de boa marca.

Reina um grande entusiasmo desde o norte ao sul do Paiz pela louvavel iniciativa do proprietario e director do Instituto Lusitano de Comercio, que estabeleceu um valioso concurso, ao qual estão concorrendo individuos de todas as classes sociais, das 8 provincias de Portugal, para obterem não só o curso «O Guarda-livros Pratico por Correspondencia» que lhes garante o futuro na carreira comercial, como tambem habilitarem-se aos premios oferecidos.

AVISO

Qualquer cavalheiro ou senhora que seja admitido como aluno do Instituto Lusitano de Comercio no curso «O Guarda-livros Pratico por Correspondencia», desde o dia 1 de junho até á data do sorteio que se vae realizar brevemente, ser-lhe-ha enviada, depois da sua admissào, uma senha com o numero de inscricao para aquele valioso concurso, ficando todos os concorrentes habilitados aos premios já referidos, que são, acima de tudo, um gesto altruista e de um grande beneficio para qualquer dos contemplados.

Peçam hoje mesmo o livro GRATIS. O «Ensino Comercial e Industrial» ao INSTITUTO LUSITANO DE COMERCIO LISBOA—Rua da Palma, 164, 1.º—(Tel. Norte 3453)

«O Algarve» vende-se em Lisboa na Tabacaria Monção.

FARINHAS E SEMEAS

Das fabricas Moinhos Reunidos, L. da

SABÕES

Da fabrica Dias Ferreira, L. da

Optimas qualidades. Os melhores preços DEPOSITARIOS: GRAÇA & MARTINS, L. da

Rua Vasco da Gama, 18—FARO Atencão J. A. Theodoro

Nesta tipografia executam-se todos os trabalhos de encadernação, simples e de luxo por um tecnico de reconhecida competencia, unico encadernador profissional em todo o Algarve. Habilita qualquer amator e ensina a dourar. Tipografia de «O Algarve»—Rua de Alportel, 23—FARO.

Barbeiro e Cabeleiro de Senhoras, participa as Ex.ªs Clientes que tem atelier na rua Letes n.º 3, reservado só para Senhoras, onde serão bem atendidos pelo proprio e por sua filha Irene R. Theodoro em cortes de cabelo e manicur. Explicacões Dão-se explicacões desde o exame d'admissào, até ao 5.º ano dos Liceus para ambos os sexos. Quem pretender dirija-se ao Largo da Sé n.º 21—FARO

ANUNCIA

Casa Bancária

67 - Rua Conselheiro Rivar - 78

**Depositos á ordem
e a praso
Creditos em conta
corrente**

Descontos, letras á cobrança e transferencias

Correspondentes nas principais praças do país

Telegramas Caiados

Telefone 160

Azeites Nacionaes

Garantidos, puros de oliveira por analyses officaes

Fabricação esmerada em suas fabricas de moderna instalação, com os mais perfeitos maquinismos em EXTREMOZ

Americo da Cruz, l. da

Marca A V N.º 1 (Orango) azeite maximo 0,1	Filtrados azeite de
A V N.º 2 (Natural) " " 0,3	1,5 a 5 graus
A V N.º 3 " " 0,5	

Pedidos aos representantes em Faro, Oihão, Tavira, Vila Real de Santo Antonio, Albufeira e Portimão

GRAÇA & MARTINS, L. DA

Rua Vasco da Gama, 81 - FARO

Grilo & Antunes

Fabricante de Inifielos

COVILHÁ

Especialidade em artigos finos para homem

Vendas exclusivas aos retalhistas

ENVIAM-SE AMOSTRAS

Cimento LIS

DA

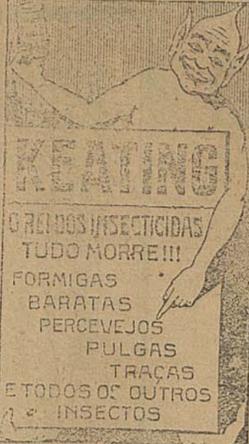
Emp.eza de Cimentos de Leiria

Cimento branco LAFARGE para imitação de pedra de cantaria

Agente e revendedor

Empreza Fabril do Algarve, L. da

— FARO —



KEATING
GRANDES INSECTICIDAS
TUDO MORRE!!!
FORMIGAS
BARATAS
PERCEVEJOS
PULGAS
TRACAS
E TODOS OS OUTROS
INSECTOS

Quereis dinheiro

Jogac no

Lama

Rua do Amparo, 51—LISBOA
Preços esbozrentes
Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da provincia.
Sempre sortes grandes

FATOS

A p estações semanacs

Só na antiga Alfaiataria
CARAPETO

Rua do Santo Antonio, n.º 42—FARO

Horta d's Maccas

Vende-se perto de Faro na Estrada de Oihão.
Facilita-se o pagamento.
Aceitam-se propostas na Rua de Santo Antonio, 103—Faro.

MOSAICOS

Optimo acabamento

Grande resistencia ao desgaste

Emprego dos melhores materiais

Fabrico especial da

Empreza Fabril do Algarve, L. da

FARO



VINO NECTAR DE CARNE
E a melhor bebida nutritiva que se conhece, fortificante, reconstrutor, energizante, estimulante e apetite, emriquecido com vitaminas e sais minerais. O seu uso é indispensavel em todas as condições de vida e de trabalho geral. E a bebida ideal para o resfriamento pelos Medicos. Melhor do que o leite e a fruta. O seu uso é indispensavel em todas as condições de vida e de trabalho geral. O seu uso é indispensavel em todas as condições de vida e de trabalho geral.

OFICINA DE CARTEIRO E ESCULTURA

DE

ANTONIO TOMAZ RAMOS

Sucessor da José Maria Paulino Fernandes

Rua Miguel Bombarda, 7 a 15

FARO

Encarrega-se de todos os trabalhos pertencentes á sua arte

Construção de jazigos e de todos os trabalhos para construção de prédios

FORNECIMENTO DE MARMORES PARA MOVEIS

Execução rapida perfeita e económica

TRABALHOS TIPOGRAFICOS

**: Executam-se com:
rapidez e perfeição**

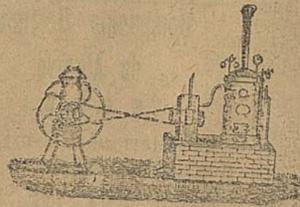
TODOS OS TRABALHOS TIPOGRAFICOS QUE O CLIENTE QUIZER, OS QUAES ESTÃO ACIMA DE TODO PELA PRONTIDÃO, MODICIDADE DE PREÇOS, RAPIDEZ E PERFEIÇÃO, FA-LOS A TIPOGRAFIA DE O ALGARVE PARA O QUE NÃO SE POUPOU A SACRIFICIOS REMODELANDO E ORGANISANDO OS SERVICOS PARA ATENDER A QUEM DE ESTES TRABALHOS : NECESSITE.

Quem tiver amor ao dinheiro e tenha gosto, deve procurar quem melhor e mais barato o sirva

Perfeição e economia

Serralharia Mecanica e Civil

DE
J. Almeida & C.ª L. da



EXECUTA COM PERFEIÇÃO TODOS OS TRABALHOS CONCERNENTES Á SUA ARTE

Fundição de ferro e bronze
pelos preços de Lisboa

ESTRADA DE ALPORTEL
FARO

"A LUTUOSA DE PORTUGAL"

(ASSOCIAÇÃO DE SOCORROS MUTUOS)

SÉDE NO PORTO:

RUA DE SANTA CATARINA, N.º 251-2.º

Esta instituição de previdencia, com os Estatutos aprovados pelo governo por alvará de 21 de Junho de 1927, admite socios de um e outro sexo.

Mediante o pagamento de uma cota fixa de cinco escudos mensaes e de uma cota variavel ao falecimento de qualquer socio, concede um subsidio de seguro de vida de vinte contos e um subsidio de dois contos para o funeral e luto.

Soclos existentes até 30 de Junho 10,200

Pedir informações e referencias a:

Armando A. Marques
FARO

A Prestações Semanaes

Se adquirem as celebres



COMPANHIA FABRIL SINGER

Concessionario em Portugal

ADCOCK & COMPANHIA

Rua D. Francisco Gomes, 38

— FARO —